

## ■ ATUALIDADES

MÍDIA

# Aprendizado que nunca termina

*Diversidade de cursos via Internet nos EUA faz triplicar o número de adultos em busca de atualização*

Business Week

Como gerente de operações de loja da Berean Christian Stores, uma rede de livrarias sediada em Cincinnati, com 22 pontos de venda em nove estados, Roger L. Feenstra passa a maior parte do tempo na estrada. Por mais que quisesse aprimorar suas habilidades administrativas na escola, Roger tem dificuldade de reservar duas noites por semana para as aulas. Sua resposta: a Internet e um programa de extensão da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). "Posso estabelecer meu próprio horário. Posso gastar cinco minutos em aula, ou duas horas."

Enquanto os estudantes convencionais precisam ir até as salas de aula para ficar frente a frente com os professores, Roger Feenstra, 44 anos, labuta com um laptop. Ele transfere palestras para seu computador, submete monografias, participa de discussões estudantis e até recebe suas notas pela Internet (acaba de obter "A" em recursos humanos). E estuda 20 horas por semana on-line. "É fantástico", afirma Feenstra.

Como milhões de outros, Feenstra está na crista de uma onda que está reformulando a educação. Como as exigências de trabalho mudam à velocidade de um raio, um número cada vez maior de pessoas está se tornando aluno pela vida toda. Graças à Internet, no entanto, esse aprendizado vitalício está acertando o passo agora. Como Feenstra descobriu, a Internet leva a sala de aula até você, nas suas condições, no seu horário. "É o aprendizado just-in-time, just-in place", diz John S. Parkinson, diretor de inovação e estratégia da Ernst & Young.

O tempo em que a educação formal cessava depois da graduação ou pós-graduação está acabando. Alguns profissionais precisaram há muito tempo continuar com seus estudos para manter seus registros de trabalho ou licenças. Os médicos, por exemplo, frequentemente precisam cumprir exigências educacionais anuais para provar que estão atualizados em avanços médicos. Agora, os homens de negócio também se vêem obrigados a mergulhar nos livros de novo ou perder a disputa com concorrentes.

Os números são esboçantes. Enquanto apenas 23 milhões de americanos participaram de programas de educação para adultos em 1984, segundo o Centro Nacional de Estatísticas da Educação, o dado tinha subido para 76 milhões (1995) e poderá superar 100 milhões em 2004.

"Nunca esperava precisar voltar à escola e obter outro diploma", afirma Shermaine A. Tilley, 47 anos, investigadora da Aids e professora associada na escola médica da Universidade de Nova York. Tilley obteve seu PhD em bioquímica na Univer-

sidade Johns Hopkins em 1980. Ela quer ingressar em capital de risco ou desenvolvimento de negócios na indústria farmacêutica, mas sentiu uma carência de habilidades vitais para negócio. Assim, Tilley está a meio caminho de um programa de MBA de dois anos na Universidade de Toronto. Sustentando que a academia ficou muito parecida com um negócio, Tilley afirma: "Se eu realmente estou fazendo negócios, embora não o chamamos assim, convém sermos pagos por fazer negócio".

Para muitas pessoas que trabalham, os programas de atualização educativa virão ao local de trabalho. Em empresas variadas como General Electric, Unisys e Federal Express, as universidades de empresa fornecem uma mescla de cultura da empresa e perícias administrativas em programas que podem durar de um dia ou dois até três semanas. O objetivo: proporcionar aos gerentes "a capacidade de energizar outras pessoas", explica Steven Kerr, chefe do programa de aprendizado da GE. Enquanto apenas 400 universidades administradas por empresas funcionavam nos EUA em 1988, agora existem mais de 1,6 mil, segundo a Corporate University Xchange Inc., empresa de pesquisa e consultoria de Nova York.

Nessas empresas, a Internet também ajuda a expandir as ofertas de educação. Novas empresas especializadas em Internet como a Pensare Inc., de Los Altos, Califórnia, estão se associando a instituições como a Wharton e a Harvard Business School Publishing para desenvolver programas on-line que as

empresas podem usar nas suas redes internas. Ao contrário dos cursos convencionais, os programas normalmente visam a perícias específicas como a arte de negociação ou relações com clientes. "Tentamos focalizar-nos no que as pessoas precisam para realizar seu trabalho", observa George W. Dunne, vice-presidente da Unisys.

Fora do ambiente corporativo, as escolas estão respondendo às exigências de aprendizado vitalí-

cio com a oferta de programas educacionais na Internet. Isso não é apenas o equivalente do ciberespaço à velha escola por correspondência. Diplomas de mestrado podem ser obtidos on-line, por exemplo, de escolas tão prestigiosas como a Universidade Stanford. Andy DiPaolo, reitor associado da escola de engenharia da Stanford e diretor executivo do Centro Stanford de Desenvolvimento Profissional, declara: "Os estudantes precisam ser instruídos em qualquer lugar e em qualquer hora e as universidades tentam estudar a melhor maneira para fazer isso".

No melhor dos casos, a educação pela Internet pode superar o aprendizado convencional na sala de aula. Embora resida perto de seu trabalho em Vancouver, Allen Ong, engenheiro de design de equipamentos da Hewlett-Packard, pode ligar por computador a aulas no programa on-line de mestrado em engenharia em Palo Alto, Califórnia. Ele acessa palestras de três horas gravadas e utiliza um sistema de índice para extrair partes importantes. Nas aulas pela Internet, os estudantes tímidos podem ficar menos inibidos,

e as respostas que recebem dos colegas e professores podem ser melhor ponderadas. Além disso, não há rabiscos rápidos de notas de transparências quando todo o conjunto de transparências pode ser gravado no computador.

Os estudantes do ciberespaço, entretanto, pode não estar obtendo vantagens de custo. A Universidade de Syracuse cobra a mesma anuidade — cerca de US\$ 32 mil — por seu MBA baseado em Internet e sua versão em sala de aula. A Stanford, que tradicionalmente cobra preços mais altos aos alunos ocasionais, cobra de um aluno distante cerca de US\$ 45 mil para a obtenção de um diploma de mestrado em engenharia comparados com US\$ 26 mil para um estudante em sala de aula.

De acordo com alguns educadores, os estudantes que pagam essas taxas estão recebendo uma educação de segunda categoria. A Internet, sustentam, não pode substituir a espontaneidade e a profundidade de interação face a face. "Não há nenhum substituto para o ambiente acadêmico", insiste Carole S. Fungaroli, professora de Literatura Inglesa da Universidade de George-

town. "Nós podemos realmente mudar a vida dos estudantes, mas não se nunca os vemos, se não estivermos nunca frente a frente."

Ainda assim, para muitos estudantes a educação à distância pode também ser tão modificadora de vida — e bem mais prática. Molly Hilton, líder de projeto em comunicações de marketing da gigantesca indústria de móveis de escritório Haworth Inc., em Holland, Michigan, é formada em língua inglesa e está fazendo cursos on-line de extensão da UCLA para se preparar para um programa de MBA. Com a Haworth arcando com os custos, ela escolherá em breve entre um regime de classe convencional na Western Michigan University e um curso baseado na Internet. O motivo: ela acredita que o e-mail permite aos instrutores serem mais atentos com seus alunos on-line do que ao vivo. Além disso, como mãe solteira de Mac, 9 anos, e Tressa, 7, ela acha que a Internet lhe permite cumprir melhor as obrigações de família, trabalho e escola.

Hilton declara: "Com o aprendizado on-line, sentamos à mesa juntos fazendo trabalho de casa".

Mesmo em programas mais convencionais, a Internet está mudando profundamente a experiência educativa. Estudantes de MBA na Universidade de Toronto, por exemplo, ainda se reúnem com professores e colegas estudantes em salas de aula. Mas costumam gravar comentários de palestras em antecipação, discutem on-line e permutam eletronicamente material para trabalho em grupo. Em vez de passar horas à noite na biblioteca, frequentemente se debruçam sobre computadores em casa. "Toda a experiência on-line não significa necessariamente substituir a experiência em campo. É apenas outra avenida", diz Jeffrey E. Feldberg, chairman da Embanet Corp. A empresa de Feldberg cria e mantém comunidades eletrônicas entre os estudantes de Rotman bem como entre estudantes nas universidades Fordham e Vanderbilt, UCLA Extension e cerca de 200 outras instituições ao redor do mundo.

Com o tempo, a educação provavelmente será um misto de trabalho em sala de aula convencional e aprendizado à distância. Os alunos de graduação podem ainda optar por quatro anos de vida em campus mas, posteriormente, muitos poderão acabar realizando estudos avançados por computador à distância, talvez mantendo empregos de período integral. Sem dúvida, isso é o que os peritos da International Data Corp.

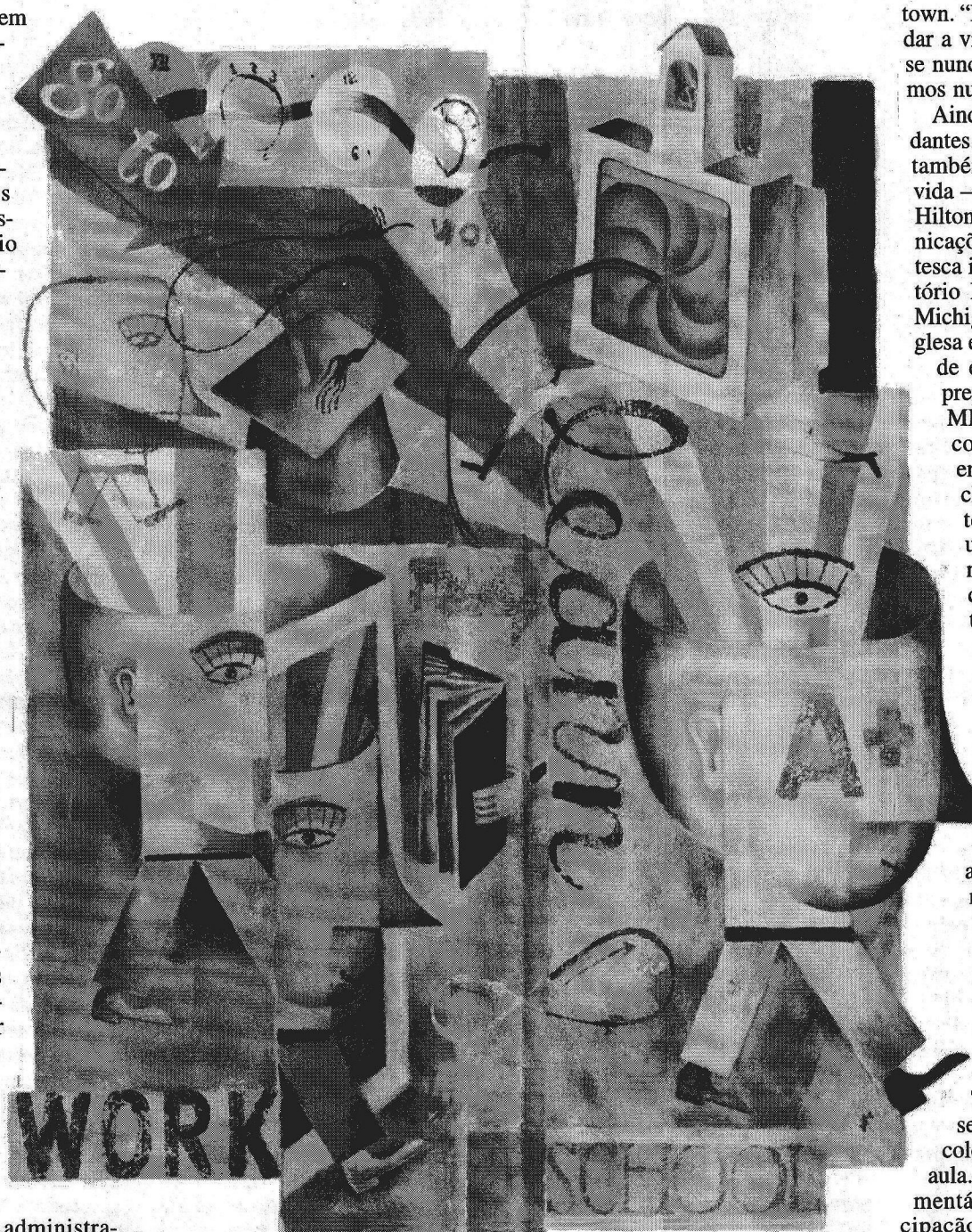
(IDC) esperam. Enquanto havia apenas 710 mil alunos americanos em programas de estudo à distância em 1998, ou cerca de 4,8% do total de 14,6 milhões de estudantes de educação superior, a IDC prevê que o número aumentará para 2,23 milhões, do total de 15,1 milhões de estudantes em 2002.

Para uma boa mescla de educação frente a frente e estudo pela Internet, um modelo para o futuro pode ser o Programa Transnacional de MBA da Universidade Fordham. Durante um semestre de 15 semanas, os estudantes se reúnem um fim de semana por mês, normalmente na cidade de Nova York ou perto dela, mas às vezes em locais distantes, como Dublin, Irlanda. O resto do tempo, comunicam-se com seus professores e colegas estudantes via Internet, lendo palestras, preenchendo relatórios e fazendo trabalho de grupo. Tipicamente, os estudantes trabalham para multinacionais e acham que a escola imita seu ambiente de trabalho. "Tentamos imitar o que parece com organizações transnacionais para as pessoas", observa Ernest J. Scalberg, reitor da Escola de Pós-graduação de Administração de Fordham.

Cursos on-line podem dar uma sensação de comunidade entre colegas distantes, mas as reuniões frente a frente promovem interações mais ricas. As discussões que começam em sala de aula transbordam para os corredores ou bares vizinhos. Os estudantes no programa de Fordham têm empregos regulares, mas gostam dos seminários de fim de semana. "É fascinante aprender sobre a diversidade cultural da IBM e a comparação de dados entre a National Starch e a IBM", afirma a estudante Massomeh H. Ghahari, gerente de marketing de 37 anos na National Starch & Chemical. Seus colegas de aula, acrescenta ela, "fazem perguntas realmente interessantes e discernentes".

Muitas pessoas nunca têm tempo nem dinheiro para os programas que incluem reuniões frente a frente. A OnlineLearning.net, companhia que desenvolve programas de cursos para a UCLA Extension, espera que suas matrículas on-line aumentem para 10 mil no próximo ano, comparados com quase 6 mil agora e 2,2 mil no ano passado. Os programas sem diploma atraem as pessoas já com escolaridade avançada e mulheres. John E. Kobara, executivo-chefe da OnlineLearning.net, diz: "As mulheres nos disseram em grande número que a única maneira de elas retornarem à escola, dado seu ato de equilíbrio entre família e carreira, é on-line".

Não importa o perfil ou o foco, a educação dos anos vindouros não vai parar na saída da sala de aula. A necessidade de perícias novas ou renovadas é muito grande. A formatura é realmente apenas o começo.



**"Podemos mudar a vida dos estudantes, mas não se nunca os vemos"**